

Visuais. 29.<sup>a</sup> Bienal de São Paulo

## DEPOIS DO VAZIO, UM LABIRINTO PARA A ARTE

A arquiteta Marta Bogéa explica seu projeto expográfico para o pavilhão

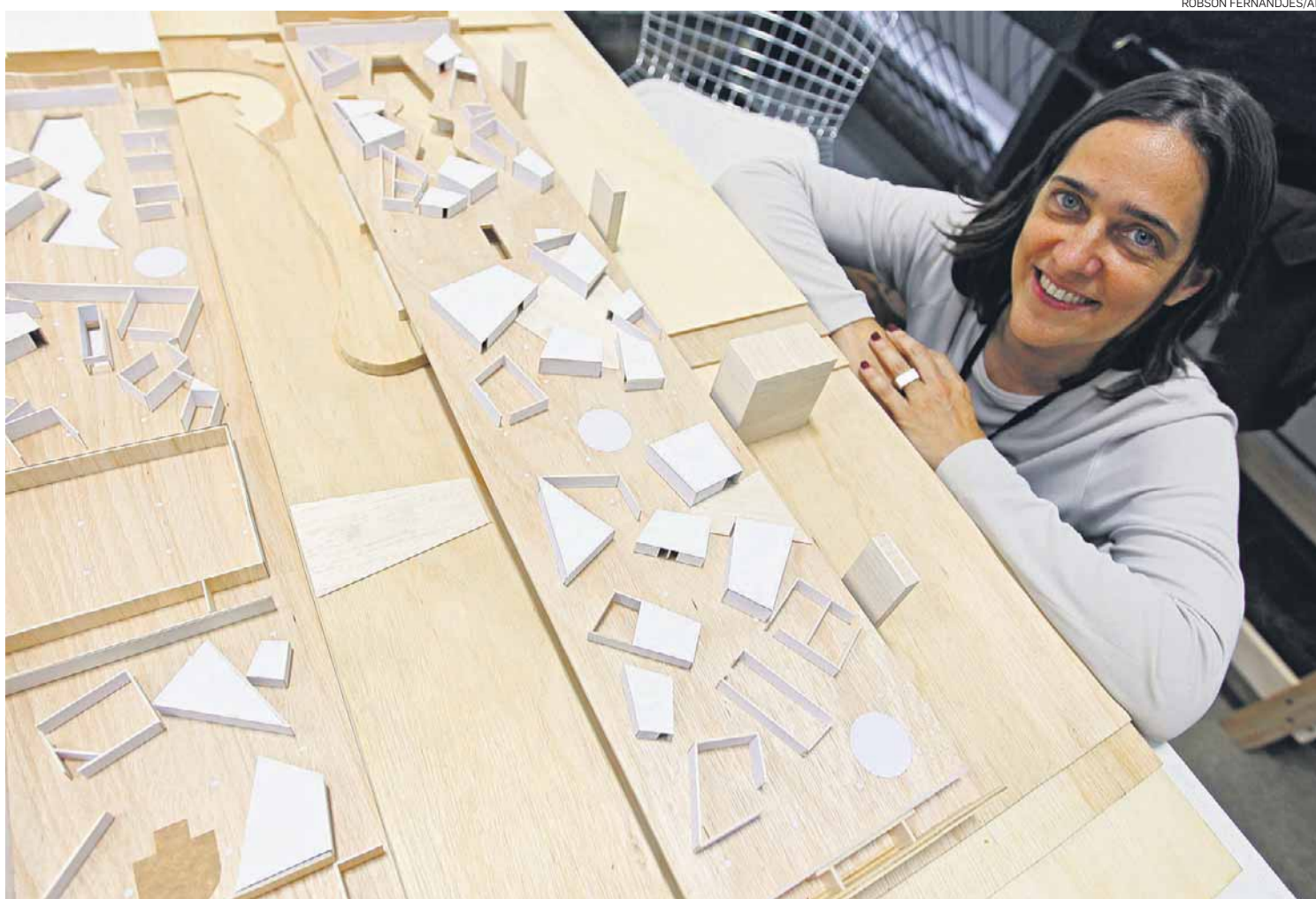
Camila Molina

Numa comparação que já se desenha inevitável, depois da 'Bienal do Vazio', de 2008, a 29.<sup>a</sup> Bienal de São Paulo, que será inaugurada para convidados no dia 21 de setembro e dia 25 para o público, vai ser bem cheia. Convidada pelos curadores Moacir dos Anjos e Agnaldo Farias para trabalhar a expografia desta edição, a arquiteta Marta Bogéa se lançou ao desafio de enfrentar o emblemático edifício projetado por Oscar Niemeyer: desta vez, o visitante da mostra vai se deparar com um labirinto fluido e de paredes com tonalidades e temperaturas diferentes do branco tradicional. Pensando em atrair o público para experiências diversas no espaço, ela batizou seu projeto de "arquipélago". Para acomodar as obras de 148 artistas participantes no grande pavilhão do Parque do Ibirapuera e, ao mesmo tempo, promover um percurso instigante pela exposição, Marta propôs um trajeto pelos quatro pavimentos do prédio. No andar térreo, com entradas pelas laterais – uma delas, de frente para a

marquise que acomoda o MAM –, o passeio começará mais aberto e feito apenas por algumas linhas. Depois, ele se adensa completamente, tendo o segundo andar como auge dessa experiência de agrupamento.

Neste segundo piso – que na 28.<sup>a</sup> Bienal estava completamente vazio, estimulando o apelido que a mostra ganhou – o público vai se sentir como numa "cidade medieval", diz Marta se referindo a um feliz comentário que escutou. "Na surpresa do percurso, encontraremos um ou outro núcleo – e isso nasceu nas primeiras conversas com os curadores, quando eles deram algumas chaves importantes do projeto da 29.<sup>a</sup> Bienal: o espaço é contínuo, mas não precisa ser hierarquizado", conta a arquiteta, que optou pela concepção de "uma geometria a partir de uma malha de diagonais".

**Referência.** "Você pode se perder como em todo bom labirinto", ela brinca, mas vale ressaltar



Densidade. A arquiteta com maquete do edifício: desde julho está sendo montada a estrutura que receberá obras dos artistas

tar que, de maneira alguma, a experiência no espaço será claustrofóbica apesar da criação de núcleos com quinas e de uma quantidade grande de salas (vídeos e filmes são presença forte nessa mostra) e da determinação dos seis "terreiros" (espaços especiais da mostra) de 120 m<sup>2</sup> que se espalham por todo o edifício. Já é uma marca da arquiteta, em seu segundo trabalho em Bienal de São Paulo, criar projetos expográficos nos quais sempre o pavilhão de Niemeyer (com pilares e pare-

des envidraçadas) e o Ibirapuera são a referência para o visitante. "Quem quiser escapar do labirinto tende a ir em direção aos vidros, os caixilhos, para encontrar o eixo do edifício em sua dimensão completa."

"O Agnaldo (Farias) fez uma metáfora: é como no Rio de Janeiro, em que você vai para a linha do mar para encontrar a paisagem", diz ela ainda, completando que num tipo de exposição tão extensa, essa é uma maneira de "o público ter direito de escape". Outro artifício usado pela arquiteta foi o de criar paredes com alturas diferentes (de 3,10 m e de 4,10 m) e que nunca chegam ao teto dos pavi-

## ● Projeto anterior

Em sua experiência passada na 27.<sup>a</sup> Bienal de São Paulo, a arquiteta criou uma expografia completamente diferente e "menos inquietante", com percurso longitudinal e com paredes de mesma altura.

mentos, fechando o que seria uma visada geral.

Em 2006, ela assinou o projeto expográfico da 27.<sup>a</sup> Bienal, a convite da curadora-geral daquela edição, Lisette Lagnado, criando, na ocasião, uma das colaborações mais precisas e inteligentes daquela exposição (*leia ao lado*). "A diferença, como ar-

quiteta, é que naquela vez o pavilhão era uma novidade para mim. É uma das grandes obras de Niemeyer, difícil de trabalhar na medida em que é um prédio encantador", diz Marta, que desde 1997, no Arte/Cidade 3, está se dedicando diretamente à arquitetura de exposições.

"Talvez a arquitetura mais difícil de se colocar uma presença é aquela que já traz em si uma potência. E, nesse caso, a de Niemeyer é linda, se resolve, constrói espaço atípico e variado. E seu vão é dos grandes espaços de verticalidade. Ele próprio já encaminha para visuais inesperadas quando você bordejia o vão", ela analisa.

## Visuais. Exposição

## BRASIL E VENEZUELA, UM DIÁLOGO CONCRETO

Fundação mostra obras do período artístico dos dois países

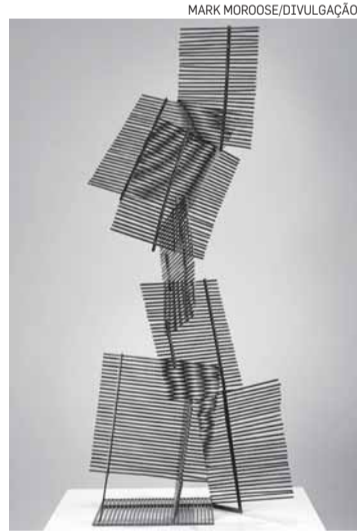
Elder Ogliari | PORTO ALEGRE

A Fundação Iberê Camargo exibe um raro diálogo de expoentes do abstracionismo brasileiro e venezuelano na exposição *Desenhar no Espaço*, com obras selecionadas do acervo da Fundação Cisneros, voltada para o fomento e divulgação das artes latino-americanas em todo o mundo.

Aberta ao público no dia 30 de julho, a mostra fica até 31 de outubro em Porto Alegre e depois segue para Pinacoteca de São Paulo. São 88 pinturas, esculturas e objetos dos brasileiros Willys de Castro, Lygia Clark, Mira Schendel, Hélio Oiticica, Hércules Borsotti e Judith Lauand e dos venezuelanos Alejandro Otero, Gego, Jesús Soto e Carlos Cruz-Diez no período em que o abstracionismo floresceu na América do Sul, entre os anos 40 e 70 do século 20, rompendo com a arte figurativa que dominava a produção local e acompanhando a transformação na sociedade, de rural para urbana, de agrícola para industrial.

"Esse fenômeno fez com que os artistas, ou pelo menos os mais sensíveis àquela realidade, mudassem suas estratégias plásticas, trabalhando fora do plano pictórico", destaca o curador da exposição Ariel Jiménez, que também é curador-chefe da Coleção Patricia Phelps de Cisneros. O abstracionismo deixa de lado a imitação do mundo e passa a explorar linhas, planos e cores, estabelecendo experiência mais direta com o espectador, numa espécie de provocação a diferentes percepções, e tem entre suas variações os movimentos concreto e neoconcreto no Brasil e cinético na Venezuela.

Em *Desenhar no Espaço*, o curador busca pontos de encontro e



Doble Transparencia. Obra de Jesús Soto, de 1956

de divergências entre abstracionistas brasileiros e venezuelanos. Nos dois países, os artistas buscaram extrapolar limites de planos e corpo material da pintura, impostos pelas telas e molduras como suporte. "Os brasileiros o fizeram em geral priorizando sua presença corporal, mexendo em volumes e na espacialidade das obras", compara Jiménez. "Na Venezuela os artistas concentraram esforços no jogo entre luzes e cores nas telas para garantir tal experiência visual."

Exemplo disso pode ser observado nas obras *Radar*, de Lygia Clark, um corpo com peso e tex-

tura que se oferece ao espectador, e na série *Vibración*, de Jesús Soto, que explora o fenômeno óptico como espetáculo visual, sem supor a mesma interação com o público, colocadas lado a lado na exposição.

**Cores vivas.** Na mesma linha das comparações estão as obras dos artistas que Jiménez chama de "coloristas", por explorarem a cor como elemento vivo para evidenciar estruturas, planos e formas. Em obras de Willys de Castro, a cor aparece de maneira maciça e minimalista, nas de Alejandro Otero dá força para a fluidez e o movimento das linhas, nas de Hélio Oiticica destaca relevos e depressões e nas de Carlos Cruz-Diez produz transparências e efeitos de óptica.

O superintendente cultural da Fundação Iberê Camargo, Fábio Coutinho, destaca que a instituição prefere abordagens específicas às mostras individuais. Assim, diz ele, é possível buscar seleções e diálogos como a exposição atual, que considera incommum. "Temos uma oportunidade ímpar de ver uma conversa extremamente harmônica entre Brasil e Venezuela, conforme o recorte de Ariel Jiménez."

O endereço da Fundação Iberê Camargo, em Porto Alegre, é Avenida Padre Cacicque, 2.000.

CONDÉ NAST JOHANSENS - INGLATERRA  
ELEITO EM 2010  
O MELHOR HOTEL DE PRAIA  
DA AMÉRICA DO SUL

RESERVAS: 12 3894 3000  
reservas@dpnybeach.com.br  
www.dpnybeach.com.br  
facebook/dpnybeach

DPNY  
BEACH HOTEL  
ILHABELA

natura apresenta FESTIVAL NATURA NÓS  
bem estar bem

PEQUENO CIDADÃO 12h30  
ADRIANA PARTIMPIM 16h30

PEQUENO CIDADÃO  
ADRIANA PARTIMPIM

Nos encontramos na música

Adriana Partimpim  
Palavra Cantada  
Pato Fu  
Pequeno Cidadão

17 DE OUTUBRO L recomendado para todas as idades

Local - Chácara do Jockey, SP  
Ingressos à venda.Saiba mais sobre o Festival Natura Nós e compre seu ingresso:  
www.naturamusical.com.br/festivalnaturanos  
Serviço de transporte especial a partir de pontos da cidade.

Call Center: 4003 1527 LIVEPASS • Bilheteria oficial no MorumbiShopping